

... no âmbito do Regulamento de Estágios do 1º ano da Faculdade de Arquitectura cumpre-me
... a cargo do aluno Tiago Baptista.

... o aluno participou prioritariamente na Assistência Técnica à obra do Complexo
... de Aviação, na elaboração do Anteprojeto de um Pavilhão Desportivo
... de 1500 lugares e um Concurso Público.

... em todo o tempo indelével "convicções" de gabinete, estimador, como o Anteprojeto e
... participação num Concurso Público com o que isso implica de esforço acrescido e empenho,
... do estágio, no sentido de continuidade, a participação no que, mais do que a Assistência
... uma obra, foi a valiosa colaboração técnica e um Construtor pela necessidade que houve a
... de detalhes específicos de apoio à obra e de detalhes com informação exactiva
... porque a empresa responsável San Just não "usa" em Portugal qualquer técnica de apoio à
... - construtores, apoiadores ou serventes - fazendo-as a ter em obra um Engenheiro e um
... para apoiar e controlar Sub-empresas.

O estágio teve ainda um âmbito alargado de actividade profissional.

Relatou em apuro as tarefas que o aluno participou cumpri-me, não que no âmbito do estágio, e
... de carácter pessoal apresentado, dá-lhe exposto que considero Tiago Baptista com aptidão
... e ainda, sempre e constantemente, dar ao exercício da prática um maior empenho
... e dedicação.

Além disso, sempre que a actividade de Assistência foi necessária e convívio nos grafismos
... e redigidos.



FACULDADE DE ARQUITECTURA
RELATÓRIO DE ESTÁGIO
TIAGO MANUEL BAPTISTA

centro
de
documentação
OE(ARLO)
85

VITOR FIGUEIREDO
Arquitecto

Dando cumprimento ao Regulamento de Estágios do 6º ano da Faculdade de Arquitectura cumpre-me apresentar parecer sobre o estágio do aluno Tiago Baptista.

Durante o estágio o aluno participou prioritariamente na Assistência Técnica à obra do Complexo Pedagógico da Universidade de Aveiro, na elaboração do Anteprojecto de um Pavilhão Gimnodesportivo com capacidade de 1500 lugares e num Concurso Publico.

Assim, se por um lado houve trabalhos "correntes" de gabinete, estirador, como o Anteprojecto e situações de participação num Concurso Publico com o que isso implica de esforço acrescido e empenho, houve como fase do estágio, no sentido de continuidade, a participação no que, mais do que a Assistência Técnica a uma obra, foi e é realmente assistência técnica a um Construtor pela necessidade que houve e há da elaboração continua de desenhos específicos de apoio à obra e de detalhe com informação exaustiva e redundante, porque a empresa espanhola San José não "usa" em Portugal quadros técnicos de apoio à obra - desenhadores, apontadores ou arvorados - limitando-se a ter em obra um Engenheiro e um Encarregado para ajudar a contratar Sub-empresas.

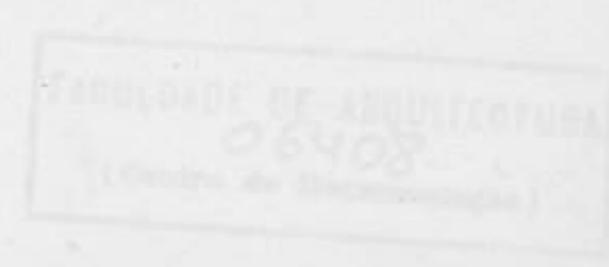
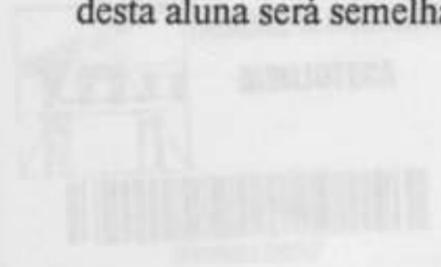
O estágio teve assim um âmbito alargado da actividade profissional.

Referidas em concreto as tarefas em que o aluno participou cumpre-me, creio que no âmbito do parecer, e para além do relatório por ele apresentado, deixar expresso que considero Tiago Baptista com aptidão notável para ser Arquitecto e mais, porque o demonstrou, dar ao exercício da prática um muito empenho e dedicação.

Ainda devo referir que a sua actividade no Atelier foi relevante e a sua presença e convívio nos gratificou e enriqueceu.



P.S. - Juntamente com Tiago Baptista estagiou igualmente a aluna Rita Dourado. O nosso parecer desta aluna será semelhante.



RECARQ)-85

Introdução

O presente relatório apresenta o trabalho realizado no âmbito do curso de Arquitectura da Universidade de Aveiro. No período em que se realizou o estágio profissional de arquitectura, a arquitectura Manuel Luís Nunes, a arquitectura pedagógica Maria Tereza e os desenvolvedores do AutoCAD. O principal trabalho que teve como objectivo a elaboração do projecto de um complexo pedagógico e científico tecnológico da Universidade de Aveiro, de que este relatório trata.

Índice

I- Introdução

II- Acompanhamento à obra Complexo Pedagógico Científico Tecnológico da Universidade de Aveiro

- 1. A assistência Técnica
 - 1.1. Situação da obra; enquadramento
 - 1.2. O trabalho no atelier
 - 1.3. Esquemas de isolamento hidrófugo
 - 1.4. Acerto de cotas; acerto de fiadas de tijolo
- 2. O projecto em construção
 - 2.1. Enquadramento
 - 2.2. O projecto e a obra
 - 2.3. Escadas E2
 - 2.4. Bar
 - 2.5. Pátio

FACULDADE DE ARQUITECTURA
BIBLIOTECA



0990012052

FACULDADE DE ARQUITECTURA
06408
(Centro de Documentação)



Introdução

O presente relatório pretende referir-se aos 5 meses de estágio no Atelier do arquitecto Vitor Figueiredo. No período em que eu estive no atelier estiveram, para além do arquitecto Vitor Figueiredo, o arquitecto Manuel Lema Barros, a arquitecta estagiária Rita Dourado e três desenhadores de AutoCad. O principal trabalho em que estive envolvido foi o acompanhamento à obra Complexo Pedagógico Científico Tecnológico da Faculdade de Aveiro, de que estas páginas tratam.

Do fazer este relatório posso dizer que, se à partida pensava descrever de uma forma exaustiva as tarefas em que num momento ou outro estive envolvido, depois preferi eleger as 4- 5 situações em que aconteceram as coisas que sintetizam melhor a forma de trabalho que se aprende neste atelier.

Assim, dividi este relatório em duas partes. Uma primeira em que se trata da Assistência Técnica enquanto tal e outra em que se fala do tipo de evolução que o projecto deste edifício tem tido durante a sua construção. A primeira parte tem, assim, um carácter mais prático e descritivo, e pretende dar a imagem possível do método de trabalho do atelier. A segunda, mais especulativa, não é mais que o relato de algumas situações e coisas que se disseram, como eu me recordo de as ter vivido e sentido.

1.3 O trabalho no atelier

No fazer do trabalho deste atelier, os tempos não são trabalhados especificamente a uma pessoa. Existe uma vontade de fazer com conjunto, no sentido em que cada um tem sempre consciência de todos os outros que se



1- A assistência técnica

1.1. Situação da Obra; Enquadramento

A assistência técnica à obra Complexo Pedagógico Científico Tecnológico da Universidade de Aveiro tem estado a ser feita num enquadramento muito particular. A falta de quadros técnicos da construtora na obra¹ fez com que o atelier tivesse que produzir, durante os quase dois anos que dura esta assistência, uma quantidade invulgar de elementos técnicos de apoio e preparação de obra. Estes elementos têm a ver com um tipo de conhecimento que se tem vindo a perder, uma arte de bem construir, que já foi o capital nuclear e mais precioso de uma boa empresa de construção.

Assim, o gabinete de arquitectura Victor Figueiredo teve que assumir este papel de suporte técnico permanente à obra, visitando-a e assistindo às reuniões de obra semanalmente. Tratando-se, como se trata, de uma obra construtivamente muito densa e complexa², é

¹ A competitividade no sector da construção civil faz com que as empresas de construção apresentem orçamentos muito baixos, conseguindo-o à custa da ausência de quadros técnicos na obra.

² Estrutura concêntrica, aplicação de um grande número de pré-fabricados, terraço visitável, pormenorização de grande parte de vãos e portas, etc.

frequentemente necessário recolher informação das mais diversas especialidades, ouvindo por vezes duas ou mais opiniões sobre o mesmo assunto, para fazer com que a multiplicidade de soluções construtivas que compõem a obra tenham uma concretização correcta.

1.2. Responsabilidades do Atelier

Para que isto acontecesse, o atelier teve que garantir, nas peças enviadas e em reunião de obra, que os seguintes pontos fossem cumpridos, tendo em vista as diferentes situações a que se referem e o uso dos materiais previstos no projecto de execução:

1- verificar se estão reunidas as condições necessárias na obra para proceder a um trabalho.

2- aplicação:

- tempo e sequência de aplicação correctos
- uso de produtos e métodos adequados na aplicação
- cuidados especiais a ter em cada situação específica

1.2. O trabalho no atelier

Na forma de trabalho deste atelier, as tarefas não são atribuídas especificamente a uma pessoa. Existe uma maneira de fazer em conjunto, no sentido em que cada um tem sempre consciência de todas as coisas que se



estão a desenvolver, e da forma como estão a ser desenvolvidas, pelos outros.

O trabalho está distribuído de forma a se avançar simultaneamente em várias frentes, mas quando é preciso tomar decisões que envolvam alterações no projecto, as restantes frentes param, e todos se reúnem em torno de um assunto particular. Isto acontece quando o trabalho de alguém está bloqueado pela necessidade de escolher determinadas opções em projecto sem as quais o trabalho não pode avançar. Por vezes existem domínios tão específicos que a resolução técnica de um trabalho é feita exclusivamente por uma ou duas pessoas, mas, mesmo aqui, quando, para haver uma correcta execução técnica em obra, advêm alterações ao projecto, estas são decididas em conjunto.

Assim, e tendo em conta o que foi dito, podem-se sintetizar assim os tipos de trabalho que desempenhei no atelier:

- investigar uma situação, preparando elementos e fundamentando alternativas, para depois serem objecto de análise por todos;
- desenvolver uma tarefa técnica específica e autónoma em relação aos restantes trabalhos a decorrer (neste caso, a impermeabilização do edifício, feita em conjunto com o arquitecto Vítor Figueiredo);

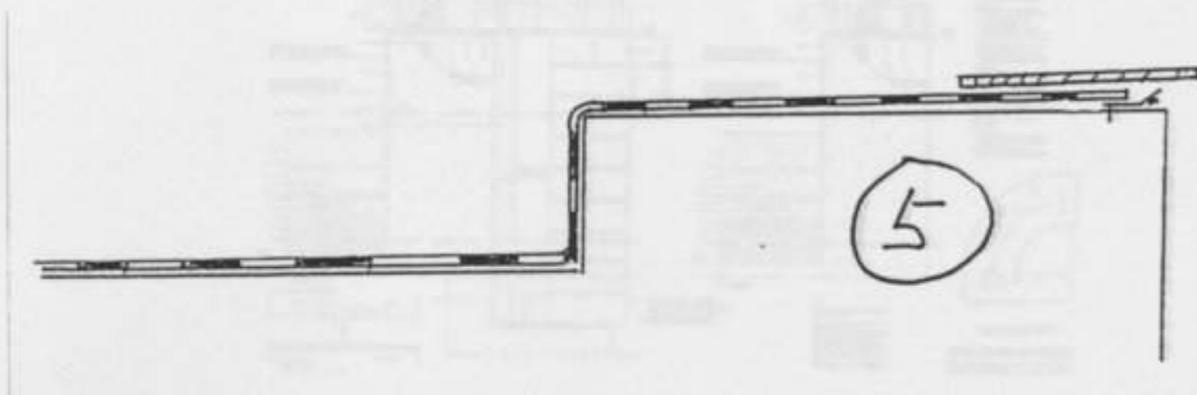
- trabalho em equipa exaustivo sobre um determinado assunto que se pretende encerrar, por haver urgência na entrega de elementos definitivos em obra.

1. 3. Esquemas de Isolamento Hidrófugo

"Les choses ne sont pas difficiles à faire, ce qui est difficile c'est de nous mettre en état de les faire"
(Brancusi, frase afixada no atelier)

Do tipo de assistência técnica que tem sido prestada à obra Complexo Pedagógico Científico Tecnológico da Universidade de Aveiro, o trabalho realizado pelo atelier na produção de esquemas de isolamento hidrófugo é exemplar.

Perante a falta de rigor da proposta da construtora (elaborado pela firma subcontratada para fazer a impermeabilização do edifício), cujos desenhos (ver secção tipo reproduzida na pág. seguinte) não ofereciam a mínima garantia de um isolamento hidrófugo correcto, o atelier teve de elaborar elementos gráficos, devidamente apoiados em análises técnicas, que constituíssem soluções correctas para o isolamento do edifício.



A simples observação destes desenhos tornou, desde logo, evidente e intuitivo que a aplicação de telas PVC era um problema de resolução muito mais complexa do que a que transparecia dos desenhos da construtora. No atelier, tivémos que descobrir tudo aquilo que estes desenhos não diziam.

Assim, era necessário definir:

– um sistema geral de aplicação de tela na laje de betão, definindo as posições relativas da própria tela, do isolamento térmico, do godo, da betonilha de regularização e da camada de forma, especificando ainda as dimensões e constituição destes três últimos elementos;

– resolver cada uma das situações particulares de fim / remate da tela, desenhando cortes esquemáticos à escala natural, devidamente legendados e explicados.

Partindo de pormenores tipo de isolamento usados noutros projectos do atelier e com o auxílio da informação técnica disponibilizada pelas empresas fabricantes e aplicadoras de telas PVC, procedeu-se, primeiro que tudo, e de uma forma expedita, à adaptação das soluções estudadas a cada uma das situações de remate de tela do projecto.

Sobre estas bases de trabalho sucederam-se, depois, várias reuniões no atelier com engenheiros e aplicadores

de várias empresas, de impermeabilização, de fabrico de telas e/ou de outros produtos relacionados com o isolamento hidrófugo, e até mesmo deslocações a obras e reuniões com os seus encarregados, que haviam colaborado com o atelier anteriormente.

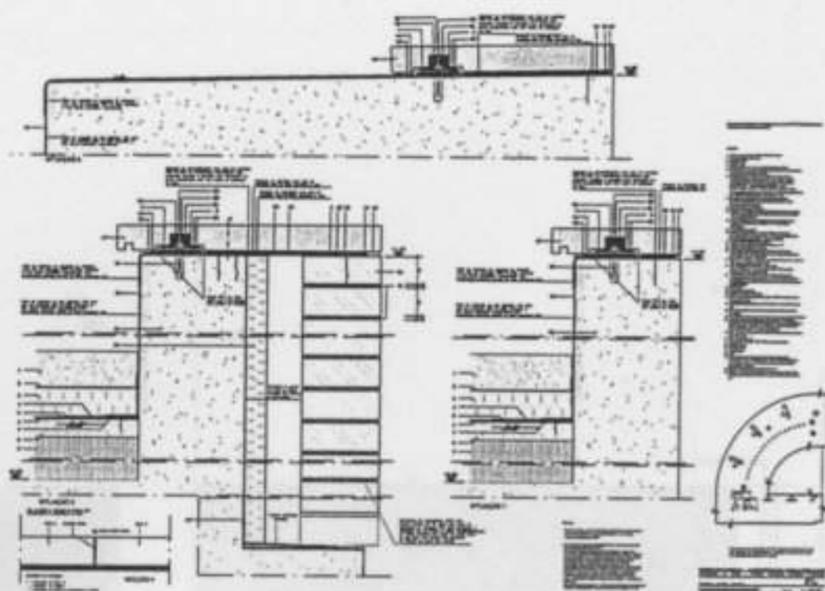
Estas reuniões foram esclarecendo uma gama muito vasta de dúvidas que ia desde a execução das betonilhas e a aplicação de tintas impermeabilizantes, à fixação das pedras de capeamento ou ao tipo de argamassa de assentamento a usar nos tijolos dos panos de tijolo à vista.

As hipóteses de resolução para cada uma das situações foram-se, depois, sucedendo, com o acumular de conhecimento que as reuniões proporcionaram.

É importante referir que, como método de aproximação ao problema, estas hipóteses são contruídas de uma forma mecânica e com o conhecimento que se tem num dado momento. Isto é, não são, ou não devem ser, questionadas, até estarem conceptualmente resolvidas em si.

No fundo, o problema vai sendo re-equacionado sucessivamente até restarem poucas ou nenhuma incógnitas.

Fruto deste trabalho chegou-se a um ponto em que tínhamos adquirido uma filosofia / metodologia, tanto



para a aplicação da tela na laje, como para os remates no murete e respectiva fixação da pedra de capeamento. O desenho, a partir daí, passou a evoluir em si mesmo corrigindo-se e acertando-se pormenores e enriquecendo a sua informação a um nível que não permitisse desvios por parte do aplicador em obra (ver nesta pág. reprodução de uma das 5 folhas de impermeabilização produzidas pelo atelier).

1.4. Acerto de Cotas; Acerto de Fiadas de Tijolo

Outra situação particular desta obra diz respeito aos erros nas cotas altimétricas da obra em relação às do Projecto. Este desacerto foi detectado quando se assentaram os primeiros pré-fabricados no alçado curvo. Havia um desfaseamento de cerca de 7 cm, em relação ao projecto, entre o topo do préfabricado correspondente à verga do piso 1 e a face superior da laje do piso 2³.

A partir desta constatação, foi pedido pelo atelier um levantamento exaustivo das cotas reais de obra, em diversos pontos do edifício determinados pelo atelier,

³ Como o referido pré-fabricado assenta sobre elementos verticais também pré-fabricados, e feitos com o rigor de dimensionamento que este sistema permite, este desfaseamento de 7 cm correspondia inequivocamente a um erro de cotas no projecto de betão.

para poderem ser avaliadas as consequências destes erros.

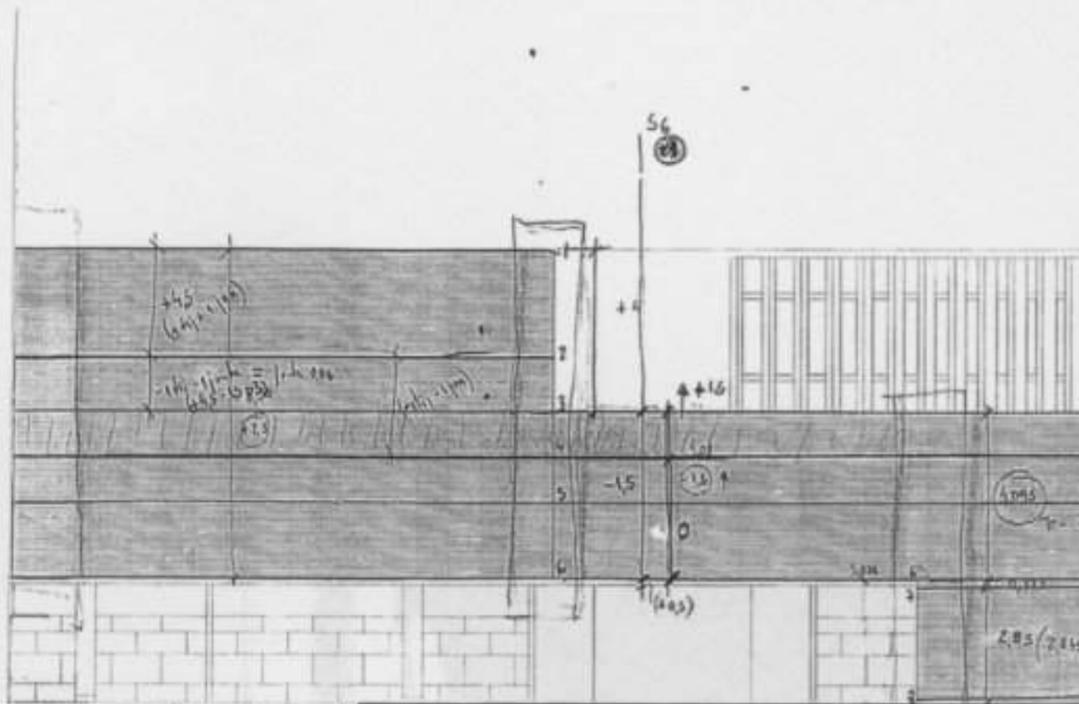
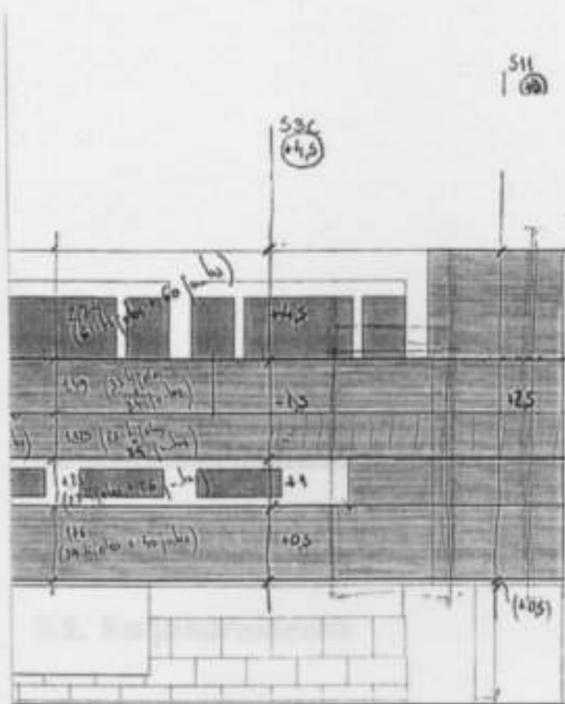
Depois de feito este levantamento elaboraram-se, no atelier, desenhos de apoio à obra, correspondentes aos diversos cortes e alçados do edificio cotados em obra, em que se representavam simultaneamente:

- a situação de projecto, com as cotas de projecto;
- a situação real em obra, com as cotas levantadas em obra;
- a proposta de rectificação feita no atelier.

Nesta proposta assegurava-se a aplicação correcta dos pré-fabricados do alçado curvo, tendo em conta a nova realidade de obra, e a compensação a realizar para uniformizar a cota em diversos pontos das lajes (compensação a ser feita com betonilha de regularização cuja espessura, garantindo sempre um mínimo de 4 cm de espessura, chegou em alguns pontos da laje a atingir 14 cm).

Estando estes elementos feitos, procedeu-se, no atelier, à análise das consequências das alterações de cotas nos panos de tijolo dos alçados.

As dimensões dos tijolos, com 4 cm de espessura, e das juntas, de 0,5 cm, tinham condicionado, na elaboração do projecto de execução, as cotas de todo o



edifício. A própria colocação das prateleiras em que assentam os tijolos à vista (8 fiadas diferentes) corresponde a situações particulares no projecto de betão do edifício, que haviam sido cotadas de forma a que entre cada prateleira houvesse o número correcto de tijolos e juntas. É claro que com o desacerto destas cotas, esta condição deixou de se verificar, havendo situações em que, entre prateleiras, resultou um erro de meio tijolo.

No atelier, depois de se ter analisado metodicamente toda a situação, chegou-se a uma solução que passava por usar a espessura das juntas de forma a compensar o erro entre prateleiras. Verificou-se a dimensão das juntas para todas as situações e conclui-se que bastava uma oscilação máxima de 1 cm para as resolver todas.

Assim, decidiu-se produzir desenhos de preparação de obra (os 2 alçados em causa e respectivos pormenores) em que se indicava, apenas sumariamente, quantos tijolos e juntas têm que existir entre prateleiras, adquirindo uma variação de 1 cm na espessura das juntas (entre 4 e 6 cm) caso houvesse necessidade de compensações.

Assim, garantiu-se, de uma forma inequívoca, uma uniformidade mínima aceitável das juntas, deixando-se que a construtora, dentro das suas competências, encontrasse a melhor forma de o conseguir.



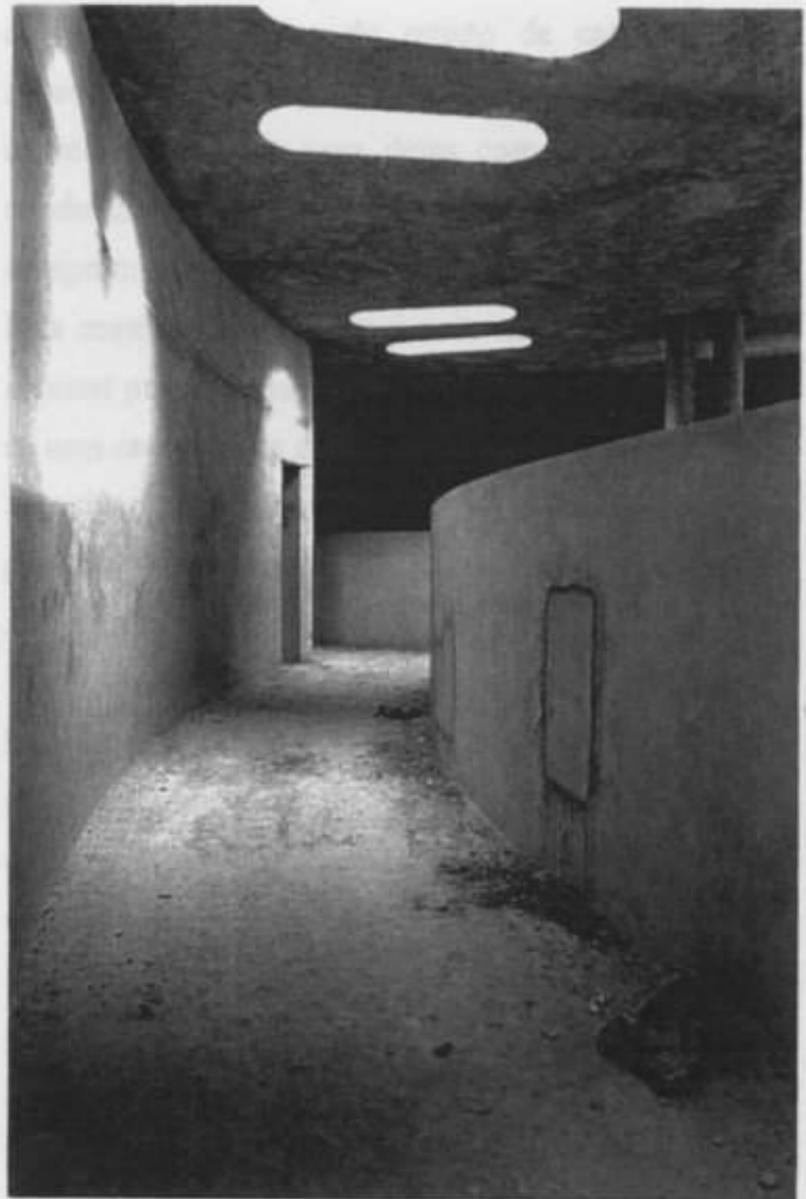
2. O projecto em construção

2.1. Enquadramento

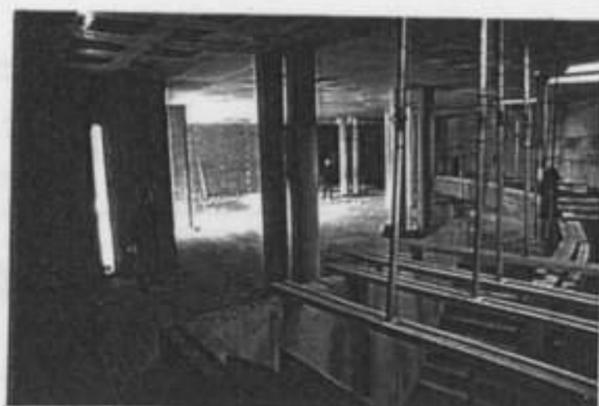
Por força das circunstâncias atrás expostas, o atelier tem sido levado a um tipo de intervenção de certo modo híbrido. De facto, a par do trabalho de assistência técnica, a necessidade de albergar no projecto sucessivos erros de construção tem forçado um contínuo repensar das soluções até então encontradas. Por força desta postura crítica tem-se, porventura, chegado a soluções mais elaboradas. É como se, por força de erros alheios, fosse necessário dar saltos em frente mantendo viva a preocupação de respeito à intenção inicial. Claro que estes saltos em frente obrigam a redimensionamentos cirúrgicos do projecto.

2.2. O Projecto e a Obra

É uma evidência dizer que quando nos deparamos com o edifício construído, tendo estado envolvidos ou conhecendo o seu projecto, há como que uma adaptação entre aquilo que pensávamos que ele ia ser e aquilo que ele no concreto nos parece ser.



Quando se conhece um edifício através de desenhos e fotografias e posteriormente o visitamos, existe um tempo de acerto mental em que a concepção que tínhamos elaborado do edifício dá lugar à que retemos da sua realidade.



Recorrendo a uma alegoria simples, é como se este acerto fosse semelhante à focagem num binóculo de qualquer coisa que se vê ao longe. O difuso torna-se concreto, a construção que tínhamos feito mentalmente passa-se a referenciar na realidade concreta do edifício.

Assim, dir-se-ia que o projecto é indissociável da construção, porque para ela nasce e a ela vai buscar a sua própria reformulação. Deste processo nasce a obra em si mesma que não será mais que a convergência dos actos de criar e fazer.

Será útil concretizar um pouco mais o fio desta ideia já que é um aspecto muito relevante da interacção estabelecida na dinâmica atelier / obra.

2.3. As Escadas E2

"Começo pelo caos. É o processo mais lógico e natural. Não me inquieto porque, primeiro que tudo posso considerar-me a mim próprio um caos"

(Paul Klee - frase afixada no atelier)

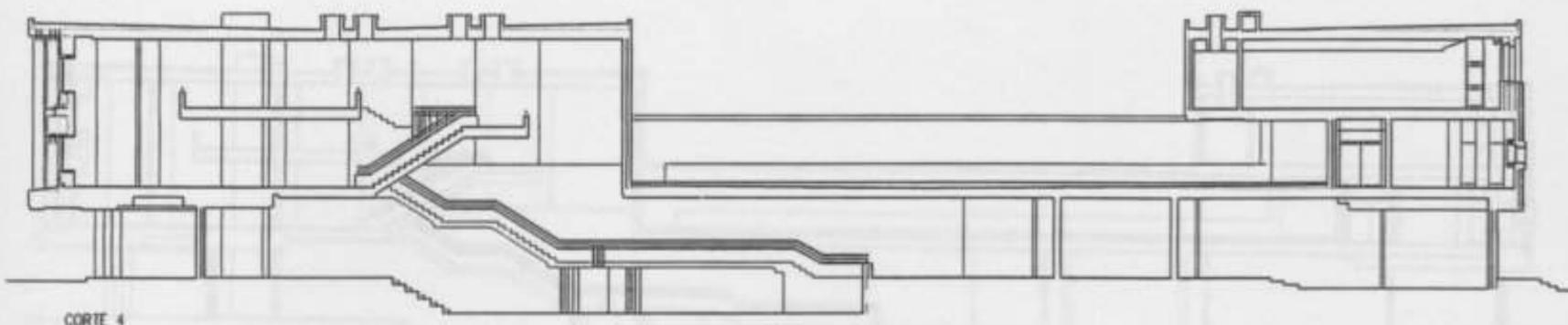
O Edifício Complexo Pedagógico da Universidade de Aveiro não se rege por nenhuma forma sistemática de fazer. Os compromissos e relações que existem entre as partes que o constituem foram-se estabelecendo através

do trabalho exaustivo de estudo de cada uma das situações que o compõem, das suas relações mútuas e da relação de cada uma delas com o todo. É na coerência eterna deste jogo de equilíbrios e compromissos que o projecto adquire a sua unidade. Esta coerência interna não é dada nem por uma ordem racional precisa, nem sequer pela simulação operativa de uma ordem desse género, é antes fruto do trabalho de investigação e da enorme carga cultural necessários para possibilitar a concretização e convivência de desejos muito profundos.

Esta maneira de fazer leva a que a concretização das coisas em obra continue a ser objecto de análise e de trabalho. Um exemplo desta situação são as alterações sucedidas nas escadas E2.

As escadas E2 têm acesso directo ao átrio de entrada, onde se ligam também as escadas E1, constituindo estas duas escadas os principais meios de comunicação vertical do edifício.

O jogo de equilíbrios de que falámos permitiu que a concepção das escadas E2 fosse um exercício de grande liberdade. Às vezes acontecem coisas assim: as escadas inscrevem-se no vazio, que ganha o sentido do silêncio que antecede uma grande fuga, e, de uma forma quase



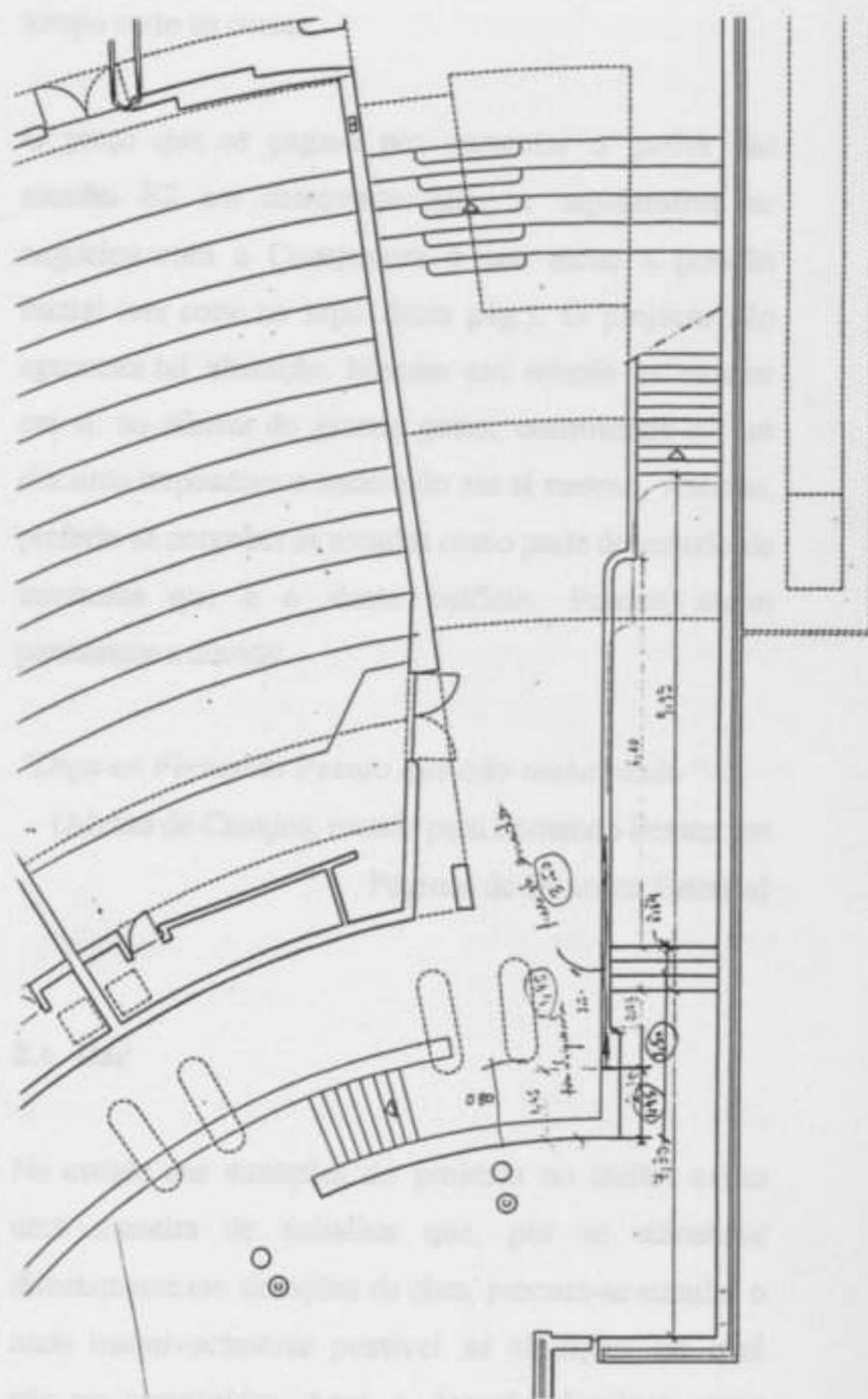
escultórica, ritualizam o tema mais profundamente arquitetural.

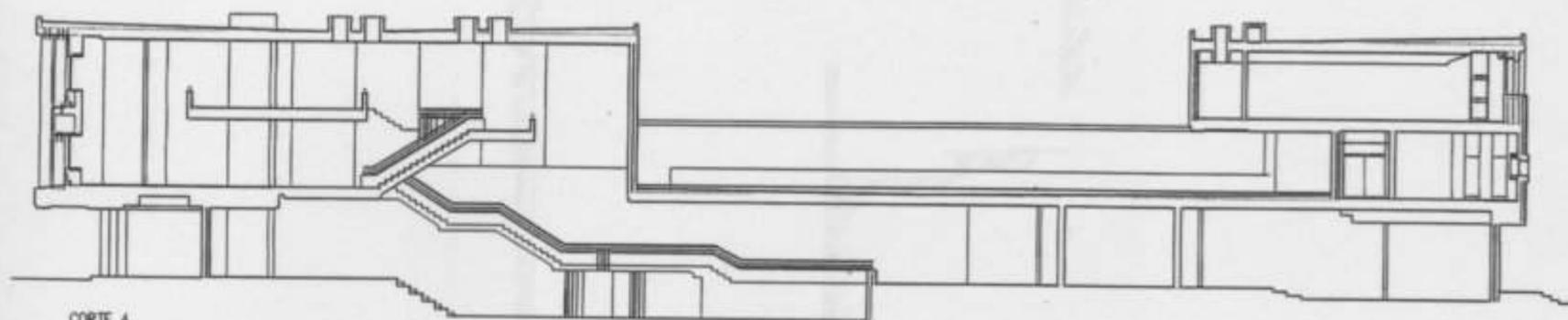
Partindo do estudo que estava a ser desenvolvido da situação de remate do murete e da guarda destas escadas no murete que limita o átrio do percurso de acesso ao auditório (ver planta) começou-se a pensar a possibilidade de aumentar o patim de arranque destas escadas.

Esta vontade surgiu quando em obra se simulou este prolongamento com o uso de tijolos e madeiras. De repente o jogo era completamente diferente. O patim passava a ser o grande tapete que se estende e entra no átrio. Havia ainda a sedução de ver o átrio de cima, e que espectáculo é poder vê-lo assim antes de o percorrer. Brincava-se e dizia-se que estas sim eram as escadas que o Orson Welles podia descer.

Na sequência desta visita, estudou-se no atelier o dimensionamento preciso do patim, que acabou por não diferir muito das dimensões tiradas em obra (ver fig. ao lado). Esta solução resultava também num corte mais equilibrado das escadas em que se sugeria um tempo de preparação, antes da quebra no tecto, mais adequado àquilo que se segue (ver corte topo da pág.). Estudou-se também a interferência que este prolongamento poderia

ter no átrio mas esse, pensou-se, era um preço que se podia pagar.





Assim, foi proposta a alteração que duas semanas depois estava feita.

O que se verificou depois foi que, se tudo o que tinha levado à proposta de alteração era verdade, a ineterferência que esta tinha no átrio era muito maior do que havíamos suposto.

O átrio deste edifício tem uma dimensão e tratamento formal invulgares para um programa deste género. Este átrio dá à obra o sentido de peso e representatividade que caracterizam um edifício público. É o lugar original de onde tudo parte e a que tudo, inevitavelmente, se reporta.

O prolongamento do patim das escadas E2 teve o efeito de estas passarem a exercer um magnetismo tal que alterava completamente o espaço do átrio.

O desenho do átrio deixava de ser o de um sítio de estar. As coisas têm um respirar próprio: todo o pensamento que se podia ter sobre o átrio, enquanto acontecimento autónomo e regulador necessário dos espaços de circulação deste edifício, tinha deixado de ser possível.

Havia, anteriormente, uma situação de equilíbrio entre as duas escadas que ligam ao átrio. Sendo diferentes

entre si, existia, para cada uma, um percurso de ligação ao átrio, espaço que não tem nome, mas que dá um tempo certo às coisas.

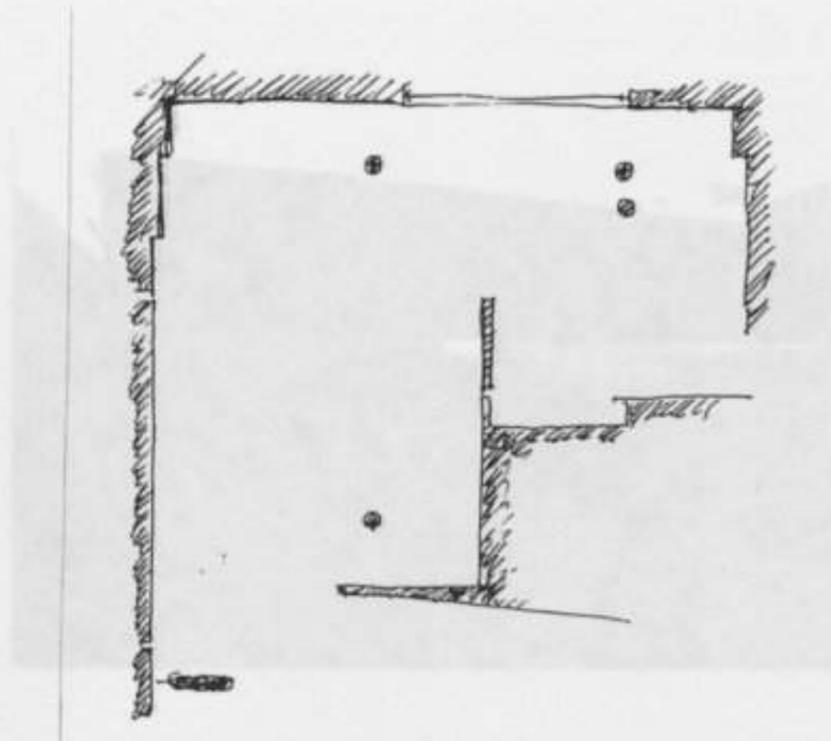
O preço que se pagava por aumentar o patim das escadas E2 era demasiado alto, e rapidamente se negociou com a Construtora o seu recuo à posição inicial (ver corte no topo desta pág.). O projecto não aguentara tal alteração. Mesmo em relação às escadas em si: ao afirmar do grande gesto, construindo-se um discurso impositivo e encerrado em si mesmo, retórico, preferiu-se conceber as escadas como parte do mundo de incertezas que é o deste edifício. Porque assim permanece a dúvida:

"Diga ao Fernando Pessoa que não tenha razão"

(Alvaro de Campos, recado para Fernando Pessoa em
Páginas de Doutrina Estética)

2.4. Bar

No estudo das situações do projecto no atelier existe uma maneira de trabalhar que, por se referenciar directamente em situações de obra, procura-se simular o mais inequivocamente possível as situações tal qual vão ser construídas. Aqui o desenho funciona como mecanismo de simulação da realidade a que se destina.



Assim, existe uma maneira de o desenho comunicar connosco que passa pelo livrá-lo de todos os elementos que perturbem a leitura correcta de um espaço, de um pormenor ou de uma situação localizada.

O desenho em cima diz respeito ao estudo do bar. Neste caso estudava-se a possibilidade de criar ressaltos nas paredes laterais que ajudassem a resolver os cantos.

Em obra tinha-se verificado que o tratamento detalhado do vão (com o peitoril ligeiramente recuado em relação à superfície da parede até 50cm do chão) e a existência de três frestas (com início a 50 cm do chão, correspondentes à aresta de recuo do peitoril, e contínuas até ao tecto, sendo abertas para o exterior em cima) à direita do vão, faziam com que dos cantos resultasse a sensação que se tem perante uma coisa mal resolvida. Neste estudo punha-se já a hipótese de, além dos ressaltos já referidos, tapar as frestas.

Entretanto, um erro da construtora na espessura da parede do fundo tornara impossível a adequação correcta do sistema de estore do vão ao tecto falso.

Na necessidade de corrigir este erro resolveu-se encher o recuo do peitoril em relação à parede, passando o vão a

funcionar como um simples negativo. Com o enchimento feito das aberturas superiores das frestas, passando o vão a ser a única entrada de luz do bar, e com o soltar da relação entre estas e o vão, que a aresta de recuo do peitoril causava, as regras do jogo alteraram-se.

O vão e as frestas deixavam de ser resultado do trabalho sobre uma parede, passando a ser elementos autónomos com uma expressão própria.

Dir-se-ia que, da tentativa de cozer pelo detalhe todos estes elementos (em projecto execução e depois no estudo da resolução dos cantos usando ressaltos na parede) se tinha passado a uma situação em que a resolução deste espaço era dada, precisamente, pelas tensões que estes elementos criavam entre si - as colunas, as frestas, o vão, o tecto falso e os seus próprios contornos.

Procedeu-se, neste caso, a uma limpeza do texto, reduzindo-o ao essencial. Assim, o canto passava a fazer sentido enquanto tal: o encontro inequívoco de elementos autónomos.



2.5. Pátio

Nos estudos que foram feitos para a zona do pátio/terraço visitável temos outro exemplo de uma situação em que a análise em obra indicou o caminho para a sua resolução.

Neste caso o detalhe serviu como meio de qualificar cada um dos elementos de forma a compôr um ambiente.

Floreira

Na resolução do muro da floreira (à esquerda na fotografia no topo desta pág.) tendo como ponto de partida a solução do projecto de execução, decidiu-se engrossar os seus muretes laterais para a mesma espessura do murete paralelo à parede do fundo (50cm). Elevou-se, também, todo o sistema, mantendo-se a diferença de cota de 5cm entre o murete maior e os dois mais pequenos. A solução ganhou, assim, a densidade e o peso de um jogo volumétrico, criando um espaço que pode ser o de uma floreira.

Depois desta decisão, dimensionou-se a extensão do murete maior. Isto é, depois de se ter encontrado uma filosofia/metodologia de abordagem do problema, pôde-

-se, de uma forma quase acintosa, resolver o encontro de um dos extremos do murete com uma coluna, prolongando-o para além dela e fazendo-o entrar numa relação de dura proximidade com uma das portas de acesso ao pátio.



Clarabóias

O trabalho realizado em torno das clarabóias passou, numa primeira fase, pelo acerto do seu dimensionamento final e, depois, pela decisão que era preciso tomar em relação ao seu revestimento.

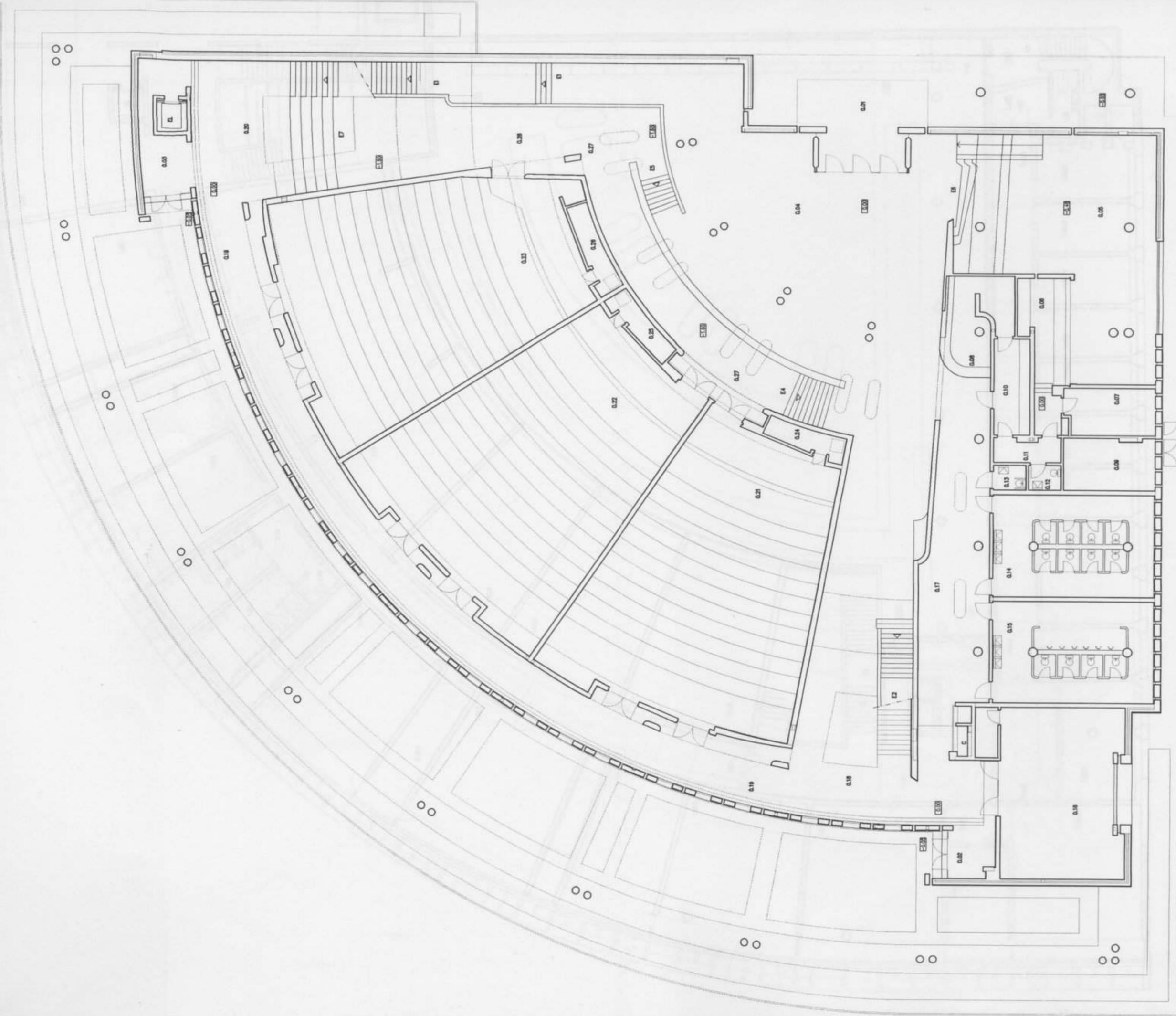
Em obra, observando-as do provável centro que as organiza, tinha-se a sensação estranha que se tem quando se tomam decisões sobre coisas que já existem. Dir-se-ia que, o nosso papel não era mais do que, perante um texto que já existe, saber dizer cada uma das frases com o tempo e a entoação certas.:

"Though the poet carries on his monologue or dialogue in a progressively marked rhythm, yet the declaimer, for the most accurate elucidation of the sense, must make caesuras and pauses in places where the poet could not venture in any interpunctuation. To this extent, then, is the style of declamation applicable to music..."

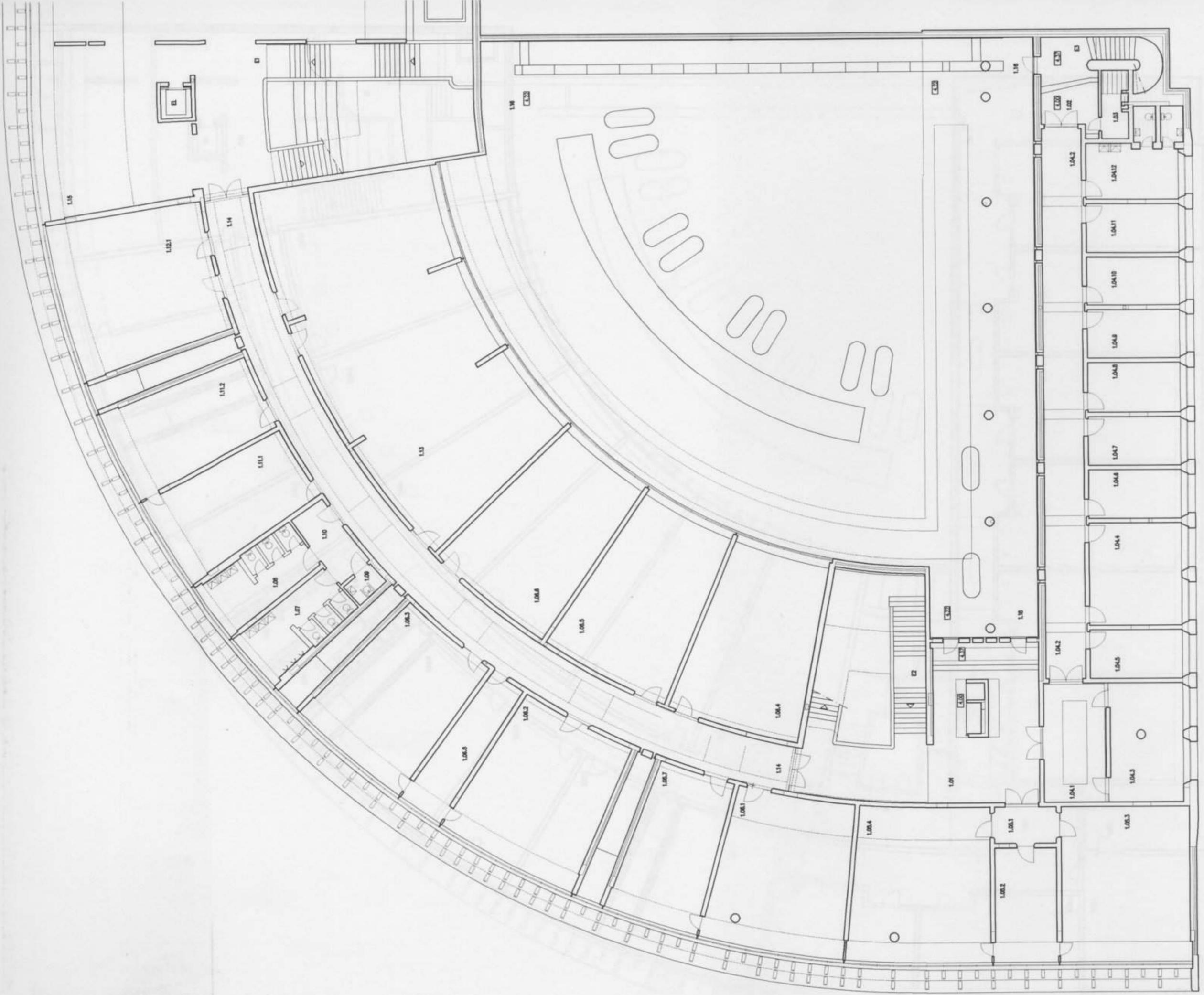
(Ludwig Van Beethoven sobre a arte de interpretação musical, citado por Peter J. Pirie em Notas sobre Wilhelm Furtwängler)

Se calhar é isto o detalhe. Decidir se o revestimento em cobre das clarabóias nasce debaixo do pavimento em pedra ou se termina antes de lhe tocar, deixando apenas uma linha de sombra, pode significar coisas tão diferentes como considerar-se a clarabóia como um elemento feito em cobre e que emerge do chão de uma forma vigorosa, ou fazer com que o revestimento em cobre não passe disso mesmo, uma delicada protecção de qualquer coisa que não podemos ver.

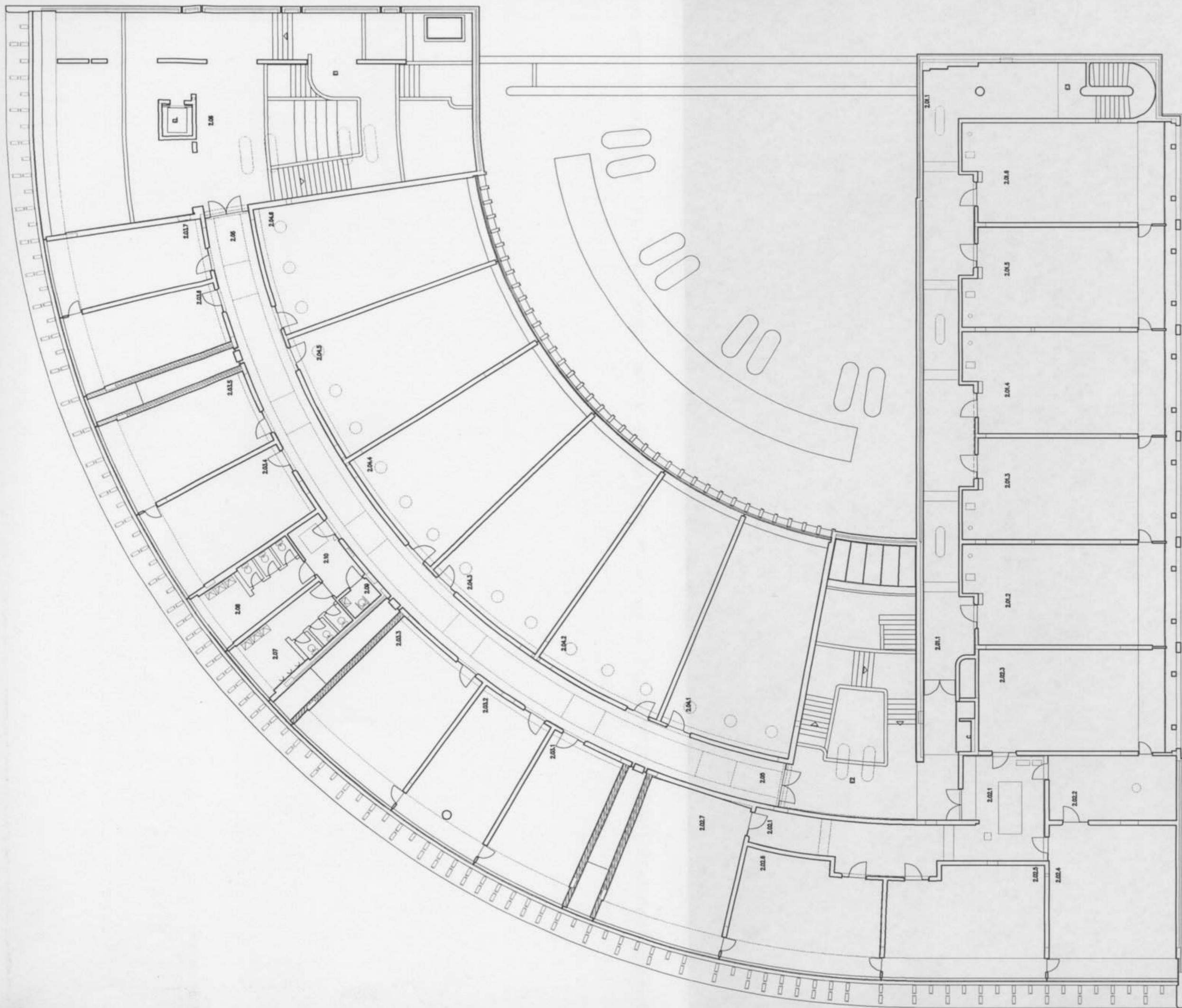
É também no tomar de decisões como esta que, inconscientemente, vamos construindo o mundo em que gostamos de nos movimentar.



PLANTA PISO 0



PLANTA PISO 1



PLANTA PISO 2

